

de novembro de 1934. Como acontece com outros nomes referidos neste panorama, Pápi Júnior, apesar de não haver nascido no Ceará, é puramente cearense pela obra que nos deixou, toda escrita aqui. Veio para Fortaleza como praça do Exército, abandonando depois a farda e seguindo para o Norte do País, de onde regressaria para se fixar definitivamente aqui. Teatrólogo, poeta e contista, seu nome destaca-se principalmente como romancista, autor de *O Simas* (1898), *Gêmeos* (1914), *Sem Crime* (1920), *A Casa dos Azulejos* (1927) e *Almas Excêntricas* (1931). Em 1898 publicara a conferência *A. Caminha e Sua Obra Literária*, hoje desconhecida. Em 1925 publicou, com o título *Teatro*, os poemas "Romance Antigo" e "Coroa". Em 1954 a Academia Cearense de Letras publicou alguns de seus *Contos*. E a Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social reeditou *O Simas*, com apresentação de Sânzio de Azevedo e um estudo de José Alves Fernandes.

O SIMAS

Simas, aventureiro e sedutor, começara a namorar Luísa, jovem viúva, de algumas posses, quando residiam no Pará; vindo Luísa para Porangaba, no Ceará, com a sogra, D. Felismina, e o filho Lauro, breve surge o Simas e reatam-se os amores, contra a vontade de D. Felismina. Um dia, Luísa descobre ser o pai do Simas o velho sem escrúpulos que a havia seduzido aos 15 anos, quando ela perdera o pai. Nasce daí uma aversão ao amante que, vendo seus planos fracassados, rouba as jóias de Luísa; Peixoto, amigo da viúva, protege-a contra o canalha e consegue reaver as jóias. Por fim, Luísa, D. Felismina, Lauro e o Peixoto deixam o Ceará, onde fica o Simas.

Um dia, porém, muito pela manhã, por um acaso, foi a Felismina própria abrir o salão de baixo para ser vasculhado. Aquilo andava por ali desde muito empoeirado, pedindo bastas sacudidelas pelos móveis e vidraçarias. A velha abriu todas as janelas, de par em par, e sentou-se no amplo sofá espaçoso, obra antiga, a envergadura de jacarandá e os acol-

chorados de marroquim escuro, enquanto a criada entrava às varridelas. A Felismina ia notando com exageros meticolosos o estado em que tudo se achava: — o assoalho nodado de cusparadas, coberto de pontas de charutos e de fósforo de cera, as cabeças ardidas já. Demorou-se a olhar para isto, ao começo sem grande interesse, sem particularizar a atenção, mas de repente ficou abstrata, olhos fixos no chão, e, pouco a pouco, veio a fisionomia transtornando-se-lhe. Um tremor convulsivo, veemente, sacudiu-a toda. Pôs-se de pé, então, com as mãos na cabeça, com um profundo sulco de desespero cavado em cada ruga das faces. Mandou fechar tudo novamente; subiu o grande lance da escada, trôpega, atordoada, sem respiração, com duas lágrimas como dois punhos, limpas como cristais, a tremerem-lhe sobre a epiderme rugosa da cara, a repetir em voz baixa, como se houvesse enlouquecido: — Oh! meu Deus! Que desgraça!

Aquele dia passou-o recolhida no seu aposento, pretextando doença, invadida de um dissabor profundo, apunhalada de aflições. Imaginava estar vendo aquela sua Luísa tão querida, ali em baixo ao lado do Simas, ocultos, enganando-a, chafurdando-se num concubinato vergonhoso, que era também a sua vergonha. Por vezes chegava a querer duvidar daqueles indícios veementes e claros, daquela abundância comprometedora e misteriosa de pontas de charutos e fósforos queimados, daquele fio condutor que a levava, inexoravelmente, de encontro à lâmina buída dessa verdade inconcussa, em que sentia varar-se dolorosamente.

Mas não havia dúvida. Os fósforos eram dos que o Simas usava, e que, por sinal, sabia sacudi-los com um piparote a distância, quando servidos. Depois... Quem fumava mais por ali?

A despeito destas deduções claríssimas, teimava em não formular contra a nora uma acusação decisiva, completa. Duvidava sempre. Não era possível aquilo. A sua afeição por Luísa desviava-lhe a convicção, não podia firmá-la, apesar de tudo, pedindo lá p'ra si uma prova que fosse uma aurora

límpida de cores, que, por fim, viesse esboroar as suposições que tanto a angustiam.

Media, entretanto, as possibilidades daqueles encontros fora de horas, no calado da noite, quando todos dormiam achando-os inteiramente fáceis, realizáveis; conjecturava a saída de Luísa pela porta da sala de visitas, que ia para a escada; descia depois, pé ante pé, sem fazer ruído, abria ela mesma a porta da rua para que o Simas entrasse... Sim! Era isso. Nada mais fácil! Restava apenas a entrada do salão térreo... e a chave? Fez esta brusca interrogação, a fisionomia alentada por um sopro de esperança reanimador. Sim! A chave estava na sala de jantar pendurada, só se ela a ia buscar ali às horas mortas. Subitamente a fustigou a idéia de espreitar durante a noite se a chave desaparecia do lugar. Seria uma prova certa, irrefragável. Passou o resto do dia ansiosa, ameigando no espírito preocupado a esperanzinha de ver desfeita a tenebrosa sombra daquela pesada nuvem de desgosto. À noite a inquietação arrancou-lhe o sono, não pôde dormir. As onze horas andava por toda a casa um silêncio profundíssimo, decerto que só ela estaria desperta àquela hora. Intranquã, dominada por semelhante idéia, levantou-se então cuidadosamente, atirou sobre as costas um xale, e saiu da alcova mansamente, nas pontas dos pés, de castiçal à mão, alumuada por uma vela estearina cuja chama amarela dobrava-se ao encontro do ar que vinha pelo corredor. Foi até a sala de jantar caminhando lentamente, com cuidado para não tropeçar.

Chegara enfim perto do aparador. Ergue o braço, suspendendo o castiçal acima da cabeça. A luz foi inteiramente refletir sobre a parede fazendo nela um núcleo de claridade circundante. E de braço estendido fixou, por momentos, o rosto num brilho doce, inefável, de satisfação: a chave lá estava no seu lugar costumado, pendente do prego, junto do aparador das frutas. Voltou para o quarto com a alma esflorada em júbilos, cheia de uma tranqüilidade relativa; mas ali foi assaltada de uma nova dúvida que a pôs cismarenta:

— Podia ser muito cedo ainda, convinha para seu descanso fazer, quando a noite fosse alta, uma outra visita à sala de jantar. — E, pacientemente, deixou que as horas fossem batendo na pêndula envidraçada do refeitório. À uma hora, tornou, com as mesmas precauções, ao exame que uma vez fizera. A chave continuava lá, não havia dúvida, viu-a, e voltou para a alcova, banhada de um prazer íntimo, afogando-se nele por inteiro.

Pelo menos, naquela noite nada tinha havido: — era-lhe isso um consolo: — porém às outras?... Ah!... Havia de fazer a mesma experiência! — Meteu-se na cama; entretanto, uma estranha superstição a tornava impaciente; invadia-lhe o espírito uma esquisita preocupação que lhe tirava o sono; virava-se de um lado para o outro, sentindo-se aterrorizada por uma surda impressão. Apurava logo o ouvido, e rumores confusos, impercebidos quase, pareciam-lhe vir de cada canto da alcova, com estalinhos inexplicáveis. E, quanto mais aplicava a atenção no indefinido daqueles rumores, mais cresciam no seu espírito, enchendo-a de apreensões temerosas.

No meio daqueles sussurros ouviu então uma forte pancada ressoar por toda a casa ferindo o silêncio fechado da hora. Aquele baque veio-lhe com um resfriamento ao coração; em lugar deste, pareceu-lhe sentir dentro do peito um bloco de gelo. Arrepiou-se toda num tremor que se lhe vibrou de molécula em molécula, sacudindo-a nervosamente. Fora para o lado da sala da frente aquilo; como que tinha sido na rótula envidraçada da janela da varanda. Sentou-se na cama, pôs-se a escutar, atentamente, olhar imóvel, fazendo de espanto, numa indecisão cruciante. O silêncio estendia-se por toda a casa, modorrado, sinistro, intangível, frio.

Agora vinham-lhe de tropel outras suposições sucedendo-se numa calma transitória: — podia ter sido o *Cupido*, o gato maltês cabriolando, ou o Lauro que se voltara no leito e fizera estralejar o colchão metálico. — Mas, não se con-

formava com estas soluções; aquilo tinha sido na janela da varanda, insistia, por outro lado. Pôs-se de pé, numa decisão palpitante, tomou o castiçal, e saiu, sem se lembrar do xale, apenas resguardada pela camisa de dormir, que lhe caía em longas pregas, alvacenta, como uma túnica, até aos pés. Tomou ainda o caminho da sala de jantar, desta vez com a passada incerta, mal segura, as pernas vacilantes; no olhar, errava-lhe uma manifestação de medo, decompondo-lhe a serenidade da face já transfigurada pela imobilidade das pálpebras e pelo torvelinhar dos cabelos brancos, que lhe davam à cabeça atitudes de enlouquecida. Parou no meio da sala, encostou-se à grande mesa das refeições para descansar. Ansiava por ver se a chave ainda lá estava e hesitou; afinal, seguiu até ao aparador. Teve então receio de erguer a vela para aclarar a parede. Poisou o castiçal sobre a mesa, puxou uma cadeira, sentou-se. Estava incapaz de levantar o braço, cheia de esmorecimentos, sem energia para receber uma confirmação pungentíssima, já desmentida por duas vezes que ali fora. Arrependia-se agora de ter vindo. Devia ter-se contentado com as duas primeiras provas, como suficientes, porque Luísa não era capaz de ter decaído tanto. Não! Isto era impossível: — E animada por esta fugaz reflexão, que o sentimento de estima pela nora obstinara em atirar-lhe aos sentidos, levantou-se da cadeira, tomou a palmatória, meio tranqüila, calma e resoluta, suspendeu-a até que a luz fosse bater contra a parede. Deu um passo mais para diante, fixando profundamente o olhar sobre ela, e soltou um grito surdo, longo como um gemido. — A chave desaparecera.

Em vão o seu olhar erradio e vago procurou desfazer aquele suposto engano visual; só ali estava o prego desocupado, cuja sombra se desenhava como um risco preto e longo, caindo por baixo dele em diagonal.

Ficou como aturdida, apanhada por uma vertigem, desalentada, sem forças; recuou, inconsciente, e deixou-se cair na cadeira quase falta de sentidos. O castiçal desprendeu-

-se-lhe da mão e veio bater no assoalho; a vela apagou-se, a sala mergulhou em trevas.

(Pápi Júnior. *O Simas*. Fortaleza, Tipografia Universal, Cunha, Ferro & Cia., 1898, pp. 169-175.)

Poderíamos ter transcrito um trecho do primeiro capítulo, em que o autor nos mostra a vila, sob o sol quente do meio-dia, com seu telegrafista que, “com sonolência de cansado, atirava um olhar distraído sobre a nesga do horizonte”, ouvindo-se “guinchar o carretel da cacimba ao peso da corrente e do balde, em frente ao cruzeiro, onde mulheres agrupadas enchiam os potes, descansadamente, deixando ver os seios nus pela queda das camisas sujas”; não faltando um cavalo esquelético, “entregue ao seu próprio destino, a babujar, sacudindo com as farripas da cauda as moscas que o atazanavam”, e vindo a descrição minuciosa da igreja, apresentada em seus mínimos pormenores; as ruas, os mexericos, enfim, tudo aquilo que dá vida a um lugarejo numa narrativa realista. Preferimos entretanto reproduzir um excerto do capítulo VI, em que podemos vislumbrar ainda o pintor de ambientes, mas onde avulta acima de tudo o pintor de almas, o psicólogo, digamos assim. Note-se a segurança e a força persuasiva com que o escritor conduz o drama interior da velha Felismina, sob a terrível luta entre a desconfiança e o desejo imenso de ver por terra suas suspeitas. Mas, como o trecho transcrito nos mostra, a cada prova em favor da nora vão surgindo novos motivos de desconfiança, o que põe o leitor em clima de verdadeiro *suspense*, como observou Raimundo Girão.²⁰ O romance trai visível influência de Eça de Queirós, o que aliás já foi assinalado por vários críticos; Pápi Júnior era admirador entusiasta do autor d’*O Primo Basílio*, e é precisamente deste romance do autor luso que mais se aproxima o do escritor cearense, sendo de se notar não somente a aproximação do tema, como também a coincidência do nome da personagem central feminina, Luísa, em ambos. A nosso ver, a causa mais forte do procedimento de

Luísa (um semi-adultério) estaria na sua educação romântica, o que ocorre com a personagem do romance eciano, mas, anteriormente aos dois, com a famosa *Madamme Bovary*, de Gustave Flaubert. Isso todavia não tira o valor d'*O Simas*, absolutamente: trata-se de romance bem urdido e bem nosso. constando que o enredo teria sido inspirado por um fato da vida real. Infelizmente, é obra pouco conhecida (somente agora reeditada) e por isso quase nunca citada quando, no Sul do País, se trata do romance realista-naturalista brasileiro. Pedro de Queirós, em artigo de crítica estampado na *Revista da Academia Cearense*, de 1898, apesar de referir-se a impropriedades de linguagem, abuso de neologismos arbitrários, "adjetivação superabundante, empolada, e nem sempre soante", não lhe deixa de reconhecer as qualidades, quer na criação das personagens, quer na condução do enredo, quer ainda no fato de tratar-se de romance com caráter regionalista, "recendendo aos aromas da terra cearense".²¹ Nestor Vitor chegou a afirmar que "*O Simas*, com os seus defeitos apontados e o mais que ainda se lhe possa como se lhe pode censurar, é dos melhores romances que se tem produzido no Brasil"²² O que não é pequeno elogio, partindo de um mestre de tal porte.

DOMINGOS OLÍMPIO

DOMINGOS OLÍMPIO Braga Cavalcante — Nasceu em Sobral, em 18 de setembro de 1850, falecendo no Rio de Janeiro, em 7 de outubro de 1906. Bacharel pela Academia do Recife, voltou ao Ceará, onde residiu durante 6 anos, transferindo-se em 1879 para Belém, de onde se mudaria definitivamente para o Rio em 91; no Pará, foi jornalista e deputado. No Rio, prosseguiu no jornalismo e foi Secretário de uma Missão Diplomática em Washington. Exerceu a advocacia e fundou a revista *Os Anais*, de grande repercussão. Publicou *Luzia-Homem* (1903) e, na citada revista, o romance *O Almirante* e a novela *O Uirapuru*.

LUZIA-HOMEM

Fazendo parte de um bando de retirantes da seca de 77, que trabalha na construção da cadeia de Sobral, Luzia, bela mulher, apesar de bem feminina tinha força máscula, daí lhe vindo a alcunha de Luzia-Homem. O soldado Crapiúna queria cortejá-la, mas as simpatias da moça são para o caixeiro de um armazém, Alexandre. Crapiúna, mau-caráter, faz com que o moço seja preso, acusado de um roubo na verdade praticado pelo soldado. Alexandre é preso, mas graças à intervenção de Teresinha (mulher perdida mas de bons sentimentos, e amiga de Luzia), é preso o verdadeiro ladrão. Luzia pensa poder ir morar na praia com a velha mãe, e casar-se com Alexandre. Crapiúna, porém, foge da prisão e encontrando a moça, crava-lhe o punhal; na luta, Luzia-Homem arranca-lhe um dos olhos e o soldado assassino rola num precipício.

I

O morro do Curral do Açougue emergia em suave declive da campina ondulada. Escorchado, indigente de arvoredo, o cômodo, enegrecido pelo sangue de reses sem conto, deixara de ser o sítio sinistro do matadouro e a pousada predileta de bandos de urubutingas e camirangas vorazes.

Bateram-se os vastos currais, de grossos esteios de aroeira, fincados a pique, rijos como barras de ferro, currais seculares, obra ciclópica, da qual restava apenas, como lúgubre vestígio, o mourão ligeiramente inclinado, adelgado no centro, polido pelo contínuo atrito das cordas de laçar as vítimas, que a ele eram arrastadas aos empuxões, bufando, resistindo, ou entregando, resignadas e mansas, o pescoço à faca do magarefe. Ali, no sítio de morte, fervilhavam, então, em ruidosa diligência, legiões de operários construindo a penitenciária de Sobral.

No cabeço saturado de sangue, nu e árido, destacando-se do perfil verde-escuro da Serra Meruoca, e dominando o vale,

onde repousava, reluzente ao sol, a formosa cidade intelectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores abrasados, surgia, em linhas severas e fortes, o castelo da prisão, traçado pelo engenho de João Braga, massa ainda informe, áspera e escura, de muralhas sem reboco, enleadas em confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, dia a dia, numa exuberância fantástica de vegetação despida de folhas, de flores e frutos. Pela encosta de cortante piçarra, desagregada em finíssimo pó, subia e descia, em fileiras tortuosas, o formigueiro de retirantes, velhos e moços, mulheres e meninos, conduzindo materiais para a obra. Era um incessante vaivém de figuras pitorescas, esqueléticas, pacientes, recordando os heróicos povos cativos, erguendo monumentos imortais ao vencedor.

Acertara a Comissão de Socorros em substituir a esmola depressora pelo salário emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau, verdadeiras gulodices para infelizes criaturas, açoitadas pelo flagelo da seca, a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto. Vinham de longe aqueles magotes heróicos atravessando montanhas e planícies, por estradas ásperas, quase nus, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sede, a pele curtida pelo implacável sol incandescente.

.....

II

O francês Paul — misantropo devoto e excelente fabricante de sinetes que, na despreocupada viagem de aventura pelo mundo, encalhara em Sobral — costumava vaguear pelos ranchos de retirantes, colhendo, com apurada e firme observação, documentos da vida do povo, nos seus aspectos mais exóticos, ou rabiscando notas curiosas, ilustradas com esboço de tipos originais, cenas e paisagens — trabalho paciente e douto, perdido no seu espólio de alfarrábios, de coleções de botânica e

geologia, quando morreu, inanido pelos jejuns, como um santo.

Um dia, visitando as obras da cadeia, escreveu ele, com assombro, no seu caderno de notas:

“Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça”.

Era Luzia, conduzindo para a obra, arrumados sobre uma tábua, cinquenta tijolos.

Viram-na outros levar, firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d'água, que valia três potes, de peso calculado para a força normal de um homem robusto. De outra feita, removeu, e assentara no lugar próprio, a soleira de granito da porta principal da prisão, causando pasmo aos mais valentes operários, que haviam tentado, em vão, a façanha e, com eles, Raulino Uchoa, sertanejo hercúleo e afamado, prodigioso de destreza, que chibanteava em pitorescas narrativas.

Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher, que tanto impressionara o francês Paul, encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas orelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticuloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva, a evoluar em nuvens espessas do solo adusto, donde ao tênue borrifo de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas. Pouco expansiva, sempre em tímido recato, vivia só, afastada dos grupos de consortes de infortúnio e quase não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalterável calma, a sua tarefa diária, que excedia à vulgar, para fazer jus a dobrada ração.

— É de uma soberbia desmarcada — diziam as moças da mesma idade, na grande maioria desenvoltas ou deprimidas e infamadas pela miséria.

— A modos que despreza de falar com a gente, como se fosse uma senhora dona — murmuravam os rapazes remor-

didados pelo despeito da invencível recusa, impassível às suas insinuações galantes.

— Aquilo nem parece mulher fêmea — observava uma velha alcoveta e curandeira de profissão. Reparem que ela tem cabelos nos braços e um buço que parece bigode de homem...

— Qual, tia Catirina! O Lixande que o diga! — maldou uma cabocla roliça e bronzada, de dentes de piranha, toda adornada de jóias de pechisbeque e fios de miçangas, muito besuntada de óleos cheirosos.

— Não diga isso que é uma blasfêmia — atalhou Teresinha, loura, delgada e grácil, de olhar petulante e irônico, toda ela requebrada em movimentos suaves de gata amorosa.

.....

Sentia-se incapaz de amar; carecia-lhe a fraqueza sublime, essa languidez atributiva da função da mulher no amor, a passividade pudica, ou aviltante da fêmea submissa ao macho, forte e dominador, irresistível, como aprendera na intuitiva lição da natureza; essa comovente timidez de novilha ante a investida brutal do touro lascivo, sem prévios afagos sedutores, sem carícias e beijos correspondidos, como nos idílios das rolas mimosas. Não; não fora destinada à submissão. Dera-lhe Deus músculos possantes para resistir, fechar-lhe o coração para dominar, amando como os animais fortes, procurar o amor e conquistá-los; saciar-se sem implorar, como onça faminta caindo sobre a presa, estrangulando-a, devorando-a. Não era mulher como as outras, como Teresinha, para abandonar a família, o lar, a honra, por um momento de ventura efêmera, escravizando-se ao homem amado, contente do sacrifício, orgulhosa do crime, insensível ao vilipêndio, sem olhar para trás onde ficaram os tranquilos afetos, para sempre perdidos; e, por fim, consolada à torpeza do repúdio infame, à margem da estrada da vida, como um resíduo inútil, condenado a vis serventias, trapo

que foi adorno cobiçado, molambo que vestiu damas formosas. casca de fruto saboroso e aromático.

Não; não fora feita para amar. Seu destino era penar no trabalho; por isso, fora marcada com o estigma varonil; por isso, a voz do povo, que é o eco da de Deus, lhe chamava Luzia-Homem.

.....

O coração pulsou-lhe inquieto, ao avistar o teto da casinha, vergando ao peso das telhas enegrecidas pelas intempéries, deslocadas pelos tufões. Naquele abrigo, onde gemia a mãe doente, e que ela amava como lugar do sofrimento dos fortes resignados e dos crentes; naquele sítio, onde Alexandre lhe propusera viverem eternamente juntos, ligados pelo mesmo afeto espontâneo e sincero, e lhe dera os cravos vermelhos que lhe haviam envolvido o coração com raízes vigorosas, e o inebriaram com o seu perfume suavíssimo; sob aquele teto velho, a vacilar sobre as forquilhas de aroeira, passara dias de amargura, noites de vigília torturantes, e os momentos mais venturosos de sua existência humilde, ignorada; e ali, àquela hora melancólica, contrastando com as pompas deslumbrantes do crepúsculo, encontraria a satisfação dos seus supremos desejos.

Exausta da caminhada, estacou para tomar fôlego e consertar as vestes, como quem se aparelha para um lance de efeito. Prosseguiu, lívida e trêmula, com precauções de menina criminosa na iminência de castigo merecido.

(Domingos Olímpio. **Luzia-Homem**. São Paulo, Edições Melhoramentos, 5.^a ed., 1964, pp. 5-6; 8-10; 77-8; 162.)

Luzia-Homem, que Lúcia Miguel Pereira considerou — com razão — um livro difícil de ser classificado, pode ser tido como romance realista, com algumas pinceladas naturalistas (estando a escola de Zola praticamente extinta), mas igualmente ostentando notas românticas. Para Mas-saud Moisés, na compleição da própria heroína, “que refle-

te a dualidade meiguice *versus* energia moral de seu temperamento, estampa-se a batalha travada entre o substrato romântico (representado pela beleza) e a doutrinação naturalista (concentrada na força)".²³ Nos textos apresentados, temos, no início do capítulo I, a preparação do enredo, através da descrição da cena: nota-se de pronto que o autor não primava pela concisão, sendo longos os seus períodos e, por isso, às vezes pesados. Mas, embora nem sempre nos dê páginas de estilo esmerado, reconstitui realisticamente as paisagens e as cenas, introduzindo com felicidade a presença da seca, razão de ser da existência de tantos retirantes trabalhando na construção da cadeia. No trecho seguinte, início do capítulo II, entra em cena um subsídio para dar veracidade aos fatos e à existência da heroína: o depoimento do diário do francês Paul, que vira Luzia trabalhando entre os operários ("Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça."). Começa então a apresentação de Luzia, sem dúvida alguma a maior criação de toda a romancística cearense, e uma das mais felizes da ficção nacional. Trata-se de uma mulher singular, admirável, tanto pelo aspecto físico quanto pelo aspecto moral: forte e disposta, de formidável compleição física, havendo por isso mesmo recebido do povo a alcunha de Luzia-Homem, com a qual ela mesma se conforma, não se pense entretanto estar diante de uma virago, com tendências lésbicas: no texto extraído do capítulo XI, de sabor naturalista, sentimos perfeitamente que ela mesma se sentia diferente das demais ("Dera-lhe Deus músculos possantes para resistir, fechara-lhe o coração para dominar, amando como os animais fortes: procurar o amor e conquistá-lo; saciar-se sem implorar, como onça faminta caindo sobre a presa, estrangulando-a, devorando-a"); entretanto, essa diferença apenas se resolve na impossibilidade de submeter-se ("Não, não fora destinada à submissão."). Já vimos mesmo como Luzia prendia femininamente o manto de algodãozinho aos alvos dentes, "como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticoloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol"... E, logo adiante, no capítulo

XXIII, do qual retiramos o último excerto transcrito, vamos encontrá-la inquieta, com o coração pulsando forte, a emocionar-se diante da casinha onde “Alexandre lhe propusera viverem eternamente juntos, ligados pelo mesmo afeto espontâneo e sincero.” Foi ali que ela recebeu de Alexandre os escravos vermelhos que a haveriam de acompanhar até a morte, de dramaticidade quase romântica. Ainda que pecando pela falta de unidade formal (o livro, como afirmamos, oscila entre realismo, com notas naturalistas e puro romantismo para não aludirmos à linguagem às vezes barroca), *Luzia-Homem* é um romance verdadeiramente imortal, razão de suas constantes reedições.

ANTÔNIO SALES

Nasceu no Parazinho, Paracuru, em 13 de junho de 1868, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 14 de novembro de 1940. Tendo estreado na literatura ao tempo do Clube Literário, de que tratamos, iremos ainda encontrá-lo, oportunamente, como idealizador da famosa Padaria Espiritual, bem como entre os poetas parnasianos. Antônio Sales foi Secretário do Interior e Justiça e deputado, no Ceará; transferindo-se para o Rio de Janeiro, tornou-se íntimo dos maiores vultos das letras na época. Publicou *Versos Diversos* (1890), *Trovas do Norte* (1895), *Poesias* (1902), *Panteon* (1919) e *Minha Terra* (1919), todos de poesia, aos quais se devem acrescentar os livros póstumos *Águas Passadas* e *Fábulas Brasileiras*, de 1944. Ainda publicou *Retratos e Lembranças* (1938), de reminiscências, e algumas peças teatrais. Interessa-nos agora tão-somente, porém, o seu romance, *Aves de Arribação* (1914). Deixou inacabado outro romance, *Estrada de Damasco*.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Chega a Ipuçaba, como Promotor, o Dr. Alípio Flávio de Campos; recebido com grandes festas, nasce logo um romance entre ele e Florzinha, filha do coletor Asclepiades.

Acontece que Bilinha, a professora pública, também se interessa por Alípio. Afinal, entrega-se Bilinha ao pracião e fogem ambos, como aves de arribação, ficando Florzinha a esperar o casamento que não se realiza. Em segundo plano, aparece Matias, poeta sertanejo, apaixonado por Florzinha. Segundo se diz, o próprio Antônio Sales estaria caricaturado nesse poeta matuto. ²⁵.

I

Achava-se em consertos desde alguns dias a casa do vigário, que se preparava para receber festivamente o sobrinho, nomeado ultimamente promotor da comarca.

Havia uns quinze anos que aquele edifício apresentava aos olhos dos habitantes da cidade de Ipuçaba o mesmo aspecto de abandono e ruína, fechando a vasta praça da matriz, com as suas paredes gretadas e sujas, com os seus muros verdes de lodo e eriçado de capins e de cardos.

Todos os vigários de Ipuçaba, desde sua elevação a freguesia, haviam residido naquele casarão, legado por uma velha devota e ricaça ao patrimônio da matriz, que tinha por padroeira Nossa Senhora dos Remédios.

O atual vigário, padre Balbino, substituíra ao padre Serrão, que pastoreara o rebanho ipuçabense durante treze anos e sete meses.

Como sacerdote, tinha este padre uma biografia apagada e mediocrementemente edificante. Despido de fervor evangélico desde sua ordenação, ele havia chegado, ao tempo em que foi nomeado para Ipuçaba, a uma sólida indiferença quanto à conduta religiosa dos seus paroquianos, aos quais administrava os sacramentos já um tanto maquinalmente, apenas preocupado com os proventos que embolsava.

Desde moço, mostrara-se apegado ao dinheiro, pregando a caridade sem praticá-la. Com o correr dos anos, esse apego tornou-se-lhe cada vez mais dominante e ultimamente não estava muito longe da avareza.

Outra tendência sua, a paixão partidária, longo tempo refreada por certas conveniências, foi-lhe avassalando lentamente o espírito até que o dominou de todo.

II

Aquele dia, 19 de fevereiro, era a véspera da chegada do promotor formado, Alípio Flávio de Campos. O sobrinho do padre Balbino vinha assumir o cargo provido interinamente em Manoel Pinheiro, uma vez por outra no exercício da promotoria, que exercia cumulativamente com as funções de médico amador, cuja reputação afugentava de Ipuçaba, à falta de clínica, os profissionais diplomados.

Na Fortaleza e no Recife gozava o bacharel Alípio de fama de talentoso, não porque se houvesse distinguido muito nos seus estudos jurídicos, mas por suas aptidões oratórias e pelos trabalhos literários publicados nas revistas acadêmicas do Recife. Obtivera um ruidoso triunfo com o discurso de formatura, bordado sobre um tema audacioso e cheio de irreverências para com os lentes. Era autor de livro — *Pingentes* — coleção de poesias prefaciada por Tobias Barreto, mestre a quem votava uma admiração fanática.

Em Ipuçaba ninguém sabia coisa alguma sobre a individualidade privada do novo promotor, a não ser o vigário, que cooperara bastante para a sua formatura, sacrificando-se às vezes para atender aos pedidos que ele lhe fazia nos seus freqüentes apertos pecuniários. Houve mesmo uma temporada de mais de ano, durante a qual o acadêmico viveu exclusivamente à custa do tio, por ter perdido dois anos de curso numa infrene vadiagem, num completo abandono dos estudos, fazendo literatura, sustentando polêmicas nos jornais e vivendo em bambochatas com um grupo de boêmios que deixaram tradições famosas na Faculdade.

O pai de Alípio, homem poupado e birrento, cortara-lhe inflexivelmente a mesada depois de ter ele gazeado os exames do terceiro ano, e só restabeleceu quando o rapaz se re-

solveu a voltar ao bom caminho, graças à ameaça do tio que, cansado de lhe dar conselhos, também não lhe quis mais dar dinheiro. Por esse tempo morreu o pai do estudante, e este fato concorreu em grande parte para que ele levasse a cabo com regularidade o resto do curso.

O padre Balbino, em sua grande afeição ao sobrinho, perdoou-lhe tudo, enxergando nos desvios de sua conduta o efeito das más companhias e da vida prazerosa com todos os seus perigos e seduções. Subordinado a mocidade inteira à disciplina férrea do Seminário, ele tivera pungentes momentos de revolta íntima, febris assomos de fugir ao jugo eclesiástico e ir participar da vida livre que ia lá por fora daquelas tristes paredes onde enjaulavam a sua jovem carne dolorosa. Nas condições de Alípio não teria feito também algumas tolices? Conhecia casos muito piores de rapazes que se haviam perdido completamente. Afinal não restava muito de que se queixar; o sobrinho aí estava formado aos vinte e quatro anos, com fama de inteligente, bem-apessoado e sabendo fazer um discurso como poucos.

.....

A começar das 5 horas, cavaleiros começaram a chegar. Uma penumbra fugitiva envolvia suavemente a cidade imersa ainda num sono discreto e profundo. Longas cintas de rosa e verde pálido se entremostravam através do acolchoado das nuvens pardas oureladas de ouro. O alvorecer coava lampejos vagos pelas eminências, e grandes nuvens se deslocavam no horizonte, demandando o alto do céu.

Os galos amiudavam os seus cantos, que se repetiam de quintal em quintal num concertante wagneriano, garganteados em tons vários — notas grossas e arrastadas de galos velhos, outras limpas e retinidas de galos novos, tudo entremeados dos falsetes dos franguinhos pretensiosos e dominado pelas fanfarras intermitentes das galinhas-de-angola.

Nas pausas da sinfonia ainda se ouviam, reduzidas à surdina pela distância, as escalas estrídulas das seriemas.

De envolta com a fragrância das flores da mongubeira, sentia-se o hálito das reses malhadas na praça da igreja e no próprio patamar. E os vagos cicios da viração na folhagem davam a ilusão de respiros humanos, como se se ouvisse a população adormecida a arquejar sonoramente nos últimos paroxismos do sono.

Cerca de vinte cavaleiros já haviam chegado até às 5 1/2 no prazo dado, e aquele ponto da cidade se enchia de um rumor insólito e festivo. Ria-se e falava-se alto no meio do estrupido das cavalgaduras que sacudiam as moscas e soltavam a espaços relinchos agudos. Novos cavaleiros vinham chegando. Uns faziam roda em cadeiras na calçada, outros formavam grupos em pé ou se espalhavam pela casa adentro até a sala de jantar, onde a Josefina, muito azafamada, entrava e saía a servir sucessivas bandejas de café

— Vai outra xícara, seu Asclepiades?

— Ora se! E já tomei em casa. Lá a mulher e as meninas levantaram-se às três horas, e a chaleira cantou logo no fogo. Há dias que tomo café oito vezes. E olhem que quando estive no Rio chegava a tomar quinze e dezesseis.

O grupo procurou um pretexto para rir do conhecido sestro do coletor, que não perdia ensejo de referir-se à sua estada na capital do país. A sua frase — *quando estive no Rio...* pertencia ao domínio da pilhéria da terra.

.....

E o tempo passava, os trovões redobravam de fragor, foram depois enfraquecendo, espaçando-se, fugindo no seio da nuvem arrastada para além pelo vento, a diluir-se em lágrimas, a estertorar entre rugidos de fera combalida. E, passado o susto, a velha esperava ouvir a cada instante os passos do doutor a retirar-se, o bater da porta, o entrar da filha no quarto. E nada. O relógio da escola deu horas; contou-as uma a uma: onze. E o doutor não saía e as portas não se fechavam. Atentava o ouvido e só de longe lhe chegava um sussurro abafado, sem o qual julgaria a sala deserta.

Uma curiosidade ardente, uma ansiedade estranha, de envolta com uma suspeita, alastrou-se em sua mente como um desses relâmpagos que ainda coruscavam no espaço. Que estaria a passar-se além daquelas paredes? Então não se conteve mais, ergueu-se, e pé ante pé veio vindo pelo corredor, parou à porta do quarto, escutou: nada. Penetrou no quarto, tirou com infinitas cautelas a chave da fechadura, olhou pelo buraco: ninguém na sala. A janela estava encostada, a meia porta fechada. Ficou alguns instantes interdita, procurando uma explicação da ausência das duas criaturas. Teriam fugido? A idéia de ficar abandonada fê-la estremecer de terror e de ódio. E os seus olhos, a perscrutarem a casa, fixaram-se na porta da sala da escola. Uma forte pancada do coração acompanhou a súbita convicção que lhe nasceu no espírito ao descobrir a um canto, atrás da porta que abrira, o chapéu do doutor posto sobre a bengala.

A porta da escola estava apenas cerrada; via-se, pela bandeirola, que não havia luz lá dentro. Na ponta dos pés aproximou-se dessa porta, e pela estreita frincha o seu ouvido sábio apreendeu ruídos que não deixaram dúvida.

A velha escutou bem, certificou-se bem, endireitou-se, teve um sorriso feroz, e com o passo balanceado de uma leoa decrépita, afastou-se e foi pelo corredor afora a arrastar os chinelos e a monologar em voz alta:

“Ora até que afinal chegou a tua vez, minha donzela das dúzias! Agora vai acabar-se o meu cativo. De hoje em diante há de abaixar a grimpá diante de mim! Ah! ah! Mulher de nossa raça não mente fogo... Eu sabia que havias de cair também, mesmo com a tua proa e com a tua sabença... Já não há de sentir tanto desprezo e tanta vergonha de tua mãe, a quem tratas como a uma cadela. Agora falaremos de igual a igual... Tão bom como tão bom! Muitas felicidades, senhores noivos! Estejam à vontade, e até amanhã!”

E entrou no seu quarto, puxando a porta com estrépito e fazendo a chave ranger com força na fechadura.

(Antônio Sales. *Aves de Arribação*. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 2.^a ed., 1929, pp. 24-6; 29-30; 162-4.)

Quatro excertos do romance: um do capítulo I, dois do II e um do IX. Primeiro, a preparação da igreja e o retrato moral do antigo vigário. O outro trecho dá-nos o retrato do Dr. Alípio: pouco importa seu aspecto físico ao escritor, mais empenhado em desvendar-lhe a psique. Temos assim um esboço do caráter do anti-herói, que não é um mancebo virtuoso (como eram os heróis românticos), mas um estudante comum, ambicioso, sem outro brilho além dos dons da oratória e do fato de haver publicado um livro de poemas, intitulado *Pingentes*, editado no Recife. Observe-se que, para a obra surgir envolta numa auréola de veracidade, teve prefácio de Tobias Barreto (lembre-se, na *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo, as alusões a figuras da vida real maranhense). Vê-se ainda que, não fora a morte do pai e Alípio nem teria concluído o curso. Num trecho do capítulo III (que não transcrevemos), dirá ele próprio: "Gozar e subir, eis o meu fim; quanto aos meios, serão os que as circunstâncias ditarem." Essa concepção maquiavélica da vida, e mais o enredo do romance, dão bem uma idéia do estofo moral dessa personagem, digna de um Eça ou de um Aluísio. No segundo trecho, destaca-se a graça com que Antônio Sales pinta o ambiente: algumas notas românticas do 1.^o parágrafo logo se dissipam diante do realismo do segundo, onde entra em cena o elemento caricatural e pitoresco, através dos diversos timbres dos cantos dos galos. Em seguida, um rápido diálogo traduz a ingenuidade do coletor Asclepiades, cuja glória maior se resume em haver estado na capital do País. O excerto final, que encerra o capítulo IX, é talvez o ponto mais alto de todo o romance: aqui podemos constatar a perícia do escritor em nos dar, sem crueza, uma cena que nas mãos de um naturalista *à outrance* apareceria inteira, surgindo, aqui, indiretamente, pela observação da mãe de Bilinha, cuja apreensão é de alguma forma comparável à da sogra de Luísa, n' *O Simas* de Pápi Júnior. Com a diferença fundamental de a mãe da

professora alegrar-se com a queda da filha, por motivos que seu monólogo deixa claros. Saliente-se ainda a força de sugestão contida nesse “passo balanceado de uma leoa decrépita,” com que se retira a velha mãe de Bilinha. Esse romance, que um crítico desavisadamente disse enfocar “o drama da seca,”²⁶ na verdade não se enfileira nessa literatura que se inicia com *A Fome*, de Rodolfo Teófilo. É o retrato de um drama passional e da vida pacata de uma cidadezinha do interior cearense. Para não repetirmos a classificação de “regionalista,” que alguns lhe têm dado, mas que nada caracteriza, preferimos considerá-lo um romance realista.

GUSTAVO BARROSO

GUSTAVO Dodt BARROSO — Nasceu em Fortaleza, no dia 29 de dezembro de 1888, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1959. Deixou o Ceará em 1910, indo residir na Capital do País, onde concluiu o curso jurídico, aqui iniciado. Voltou ainda ao Ceará, como Secretário do Interior e Justiça, em 1914, exercendo depois mandato de deputado federal pelo Ceará. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, da qual foi por duas vezes Presidente; foi ainda Diretor do Museu Histórico Nacional. Desde cedo salientou-se nas lutas da imprensa como jornalista de pulso. Sua vastíssima bibliografia, que chega a quase cem títulos, abrange os mais diversos temas e gêneros. Todavia, podem-se destacar, na Sociologia Sertaneja: *Terra de Sol* (1912), *Heróis e Bandidos* (1917), *Almas de Lama e Aço* (1930); na História: *Tradições Militares* (1918), *O Brasil em Face do Prata* (1930), *História Militar do Brasil* (1935), *História Secreta do Brasil* (1936 a 38 — 3 vols.); Literatura Histórica: *Guerra do Lopes* (1929), *Guerra do Flores* (1929), *Guerra do Vidéo* (1930), *Guerra do Artigas* (1930); na Poesia: *As Sete Vozes do Espírito* (1946); Biografia: *Osório, o Centauro dos Pampas* (1932), *Tamandaré, o Néelson Brasileiro* (1933); Memórias: *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940), *Consulado da China* (1941); Folclore: *Casa de Maribondos* (1921), *Ao Som da*

Viola (1921), *Através dos Folclores* (1927); Conto e Novela: *Praias e Várzeas* (1915), *Mula Sem Cabeça* (1922), *Alma Sertaneja* (1923), *Mapirunga* (1924), *Pergaminhos* (1922), *Livro dos Milagres* (1924), *O Bracelete de Safiras* (1931); Romance: *Tição do Inferno* (1926), *O Santo do Brejo* (1933), *Mississippi* (1961). E não aludimos às obras sobre museologia, arqueologia, lexicologia, política, economia, viagens, ou teatro. Tendo adquirido renome logo quando estreou, Gustavo Barroso chegou a ser um dos maiores vultos de toda a literatura cearense. Leremos um de seus contos que vai transcrito na íntegra:

ESPECTRO

A paisagem tinha a tristeza dos ermos, a quietude das cousas abandonadas. No topo dum serro rude e escavado, entre carcavões ressequidos, a casa da fazenda era uma ruína, um amontoado de paredes a cair, o madeiramento da taipa a descoberto, os rebocos chagados; em muitas partes o telhado abatera e pontas de caibros apareciam carcomidas e pretas; portas tombavam dos gonzos partidos, montões de telhas em cacos pesavam no velho assoalho esburacado. Sobre as pedras disjuntas da calçada as lagartixas aqueciam-se preguiçosamente ao sol num eterno abalar de cabeças. Vegetações irrompiam a esmo, aqui e ali, entre aquela ruinaria, viçosas, dum verde novo e forte, apoderando-se do que o homem abandonara.

Açoitada do vento, uma porta rangia fanhosa, dando um gemido arrastado e feio como o das avantesmas por noite sem lua, nas solidões. Entre duas travessas de pequiá robusto, na alpendrada, o velho sino de cobre da capela senhorial escancelava a boca cheia de lágrimas esverdinhas, de onde pendiam, a esvoaçar, umas farripas de corda.

Em torno, o matagal tristonho amarelava ao sol. As cercas de pau-a-pique dos currais caíam aos lanços e os mouros pretos, de madeiras rijas, denunciavam o lugar das porteiras. Dentro dos curros, o esterco do gado pulverizava-se,

misturando-se à areia grossa, dando-lhe um tom bistrado que enegrecia à chuva. E lá para baixo do serro, numa curva brusca, escorria o fio barrento do rio Fonseca, levando o mísero tributo de suas águas reles para as cheias invernais do Banabuiú.

A tarde ia findar. Pelo ar andava a fumarada tênue das queimadas distantes. O sol baixava sem raios e sem glória, como um grande olho ensangüentado. Um vento sutil fazia um murmúrio leve nos ramos dos marmeleiros. E longe, além duma várzea extensa, onde o carnaubal chorava, as casas do arraial do Cosmo Pais punham manchas brancas esparsas entre o verde do mato e a púrpura régia do poente.

Aquela tapera tinha sido em tempos idos de abundância e fidalguia a residência feudal do padre Ferreira, um dos homens mais ricos e poderosos do sertão. Dizia o povo que ele era homem de “muito dinheiro e pouco coração.” Vivera ali por muito tempo. Entre as cercas daqueles currais mugiram centenares de cabeças de gado. Por aquelas várzeas e carascões andavam a campeá-las os seus escravos, cujo braço fazia sair da terra colheitas magníficas. Até aquele vargado do Cosmo Pais estendiam-se, ciciando, os milharais da fazenda e para o outro lado, nas baixas do rio Fonseca, tudo era mandioca, feijão e jerimum. De manhã té sol posto ouvia-se o cantar da escravaria nas brocas do mato, no entrançar das cercas, no desmanchar da farinha e no plantio dos legumes. Quando os cantos morriam ofegantes, estralejavam os chicotes dos capatazes e o relho do feitor. De novo o ar se enchia de melodias africanas, pungentes, repetidas, enfa-donhas como uma vista árida de deserto.

Nunca o padre fizera um benefício. Não havia na ribeira notícias de uma esmola sua. Vivia no meio da abundância entre meia duzia de concubinas pretas. Os filhos desse serralho não tinham, porém, mais direito que os simples filhos da senzala. Trabalhavam e apanhavam do mesmo modo. O padre não considerava os escravos como gente e punha-os mesmo um pouco abaixo dos seus cavalos de sela. O trabalho du-

rava a semana inteira, sem interrupções. Não havia dia santo que se guardasse. Sexta-feira da Paixão era o único. Matou muito escravo de açoites e uma feita mandou arrancar, a torquês, os dentes alvos duma sua odalisca que um hóspede gabara a miúdo.

Teve morte digna de sua vida miserável. Uma manhã de outubro, indo ao Quixeramobim, o cavalo espantou-se com a queda duma galhada seca, espinoteou, bateu com as patas num garrancho que se lhe prendeu aos jarretes. Mais cresceu-lhe o medo. Deu upas, saltos e corcovos formidáveis. Não desmontou o padre, que era exímio vaqueiro, corredor de argolinhas, pegador de gado pelo rabo, a laço e a unha, no limpo e no fechado das caatingas. De orelhas fitas, arquejando, o pedrês atirou-se mato adentro, furando a ramaria espessa. O pajem procurou segui-lo, o que só pôde fazer com muita dificuldade. Foi encontrar o garanhão atirado abaixo dum barranco, nas vascas da agonia, com o pescoço quebrado, partidas as patas e o couro varado de estrepes. Perto achou o padre. Na carreira furibunda batera com o crânio num ramo de mororó. Estava morto e da cabeça brechada a mioleira vazava pelo chão...

Contavam depois por ali que, quando o foram enterrar, o caixão ia vazio. O corpo desaparecera. Disseram que o diabo o levara. O Bernardo da Cauã afirmava ter visto na tarde do enterro um negro todo encourado surgir na casa da fazenda. A afluência era numerosa e ele quase não foi notado. Era Satanás em pessoa, com toda a certeza, aquele vaqueiro.

Depois, ao abandono, a casa foi-se arruinando. Hoje estava naquele estado. Noite de sexta-feira ninguém passava ali. Para ir ao Cosmo Pais fazia-se um rodeio.

O padre aparecia no alpendre, de batina, miolos pingando da cabeça aberta, alto, espigado, olhos em fogo. Agarrava-se à corda do sino; puxava-a desesperado.

E o sino reboava fanhoso por aqueles campos vastos, envoltos no sudário branco da lua ou no manto negro da es-

curidão como voz de além-túmulo que proclamasse ao mundo dos vivos a fealdade e a torpeza daquela alma!

(Gustavo Barroso. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1915, pp. 73-7.)

É difícil dizer-se qual o gênero em que maior mestria demonstrou Gustavo Barroso: de nossa coletânea estariam excluídos já, pelos motivos expostos na nossa Introdução, as páginas de sociologia sertaneja de *Terra de Sol*, seu primeiro livro, e para muitos sua obra-prima; assim também aquelas que tratam de História. Com exceção da poesia, na qual o escritor não logrou elevar-se muito, igualmente grande ele resalta no memorialismo, no romance e no conto. Apresentamo-lo neste último gênero, a través de uma das histórias curtas do livro *Praias e Várzeas* (1915). Podemos, com a leitura de "Espectro," constatar a segurança e a felicidade do escritor em retratar a paisagem que compõe o pano de fundo para o desenrolar da narrativa; se não gasta muitas palavras com a pintura do cenário, muito menos com a descrição da torpeza moral do protagonista, infinitamente mais criminoso do que o Padre Amaro do realista português... Sente-se também nesta história curta — como de resto em quase tudo que nos deixou o escritor — a presença viva, dominante, da terra cearense, através da flora (pequiá, marmeleiro, mororó) acidentes ou localidades (Banabuiú, Quixeramobim). Uma ponta de Realismo naturalista aparece quando da morte do padre Ferreira, cujos miolos vazam pela rachadura do crânio: não procurou o escritor suavizar a rudeza da cena com rodeios, à maneira dos *close-ups* cinematográficos; apresentou-a crua-mente, tal como surgiria no relato de um homem do sertão. E, para mais fundamentar a verossimilhança da história, traduzindo a índole supersticiosa do nosso povo interiorano, adaptou ao conto a lenda do encourado que, sendo o próprio demônio, teria levado o corpo do padre. Na verdade, essa lenda foi ouvida pelo próprio Gustavo Barroso, quando menino, e referia-se a um Comendador de Fortaleza, que, segundo o povo, enriquecera mediante um pacto com o Diabo; tal fato

é contado num dos volumes de memórias, *Coração de Menino* (pp. 119-20). O livro *Praias e Várzeas* se compõe de 11 contos, cujos enredos ora se passam no sertão ora no litoral, como aliás indica o título, e foi o terceiro livro publicado por Gustavo Barroso, trazendo ainda, abaixo de seu nome, o pseudônimo com que largamente colaborou na imprensa: João do Norte.

HERMAN LIMA

HERMAN de Castro LIMA — Nasceu em Fortaleza, em 11 de maio de 1897; trabalhou na Fotografia Olsen por volta de 1910, sendo mais tarde auxiliar da estrada de rodagem de Aracati a Morada Nova, em pleno sertão; regressando a Fortaleza, foi nomeado escriturário da Delegacia Fiscal em 1921, transferindo-se, no ano seguinte, para repartição congênere em Salvador, Bahia, onde se diplomaria em Medicina, seis anos mais tarde. Foi auxiliar da Presidência da República, de 1933 a 1937, quando foi designado para a Delegacia do Tesouro em Londres. Publicou: *Tigipió* (1924), *A Mãe-da-Agua* (1928), e *Garimpos* (1932), os dois primeiros de contos e o terceiro, romance; escreveu também livros de viagem (*Na Ilha de John Bull* — 1941, e *Outros Céus, Outros Mares* — 1942), além de diversas obras sobre caricatura, destacando-se a monumental *História da Caricatura no Brasil* (1963), em 4 vols. É também teórico do conto, tendo publicado *O Conto* (1958) e *Variações Sobre o Conto* (1952). Ultimamente publicou um livro de memórias, *Poeira do Tempo* (1967).

VENTURA ALHEIA

Conto do livro *Tigipió*, fala-nos de dois irmãos que, desde pequenos, eram amigos de Isabel, menina da vizinhança; Justino era belo e saudável, ao passo que Damião era raquítico e extremamente feio; com o tempo, Isabel, já moça, começa a fugir das amabilidades de Damião, enquanto se enleva na presença de Justino. Leiamos um trecho do início e o final do conto:

As duas casas ficavam a pouca distância uma da outra, separadas apenas por uma cerca de paus-a-pique, e um capão cerrado de paus-brancos e mofumbos, cheios de perfume, enfrouxelados de arminho e de ouro no inverno, garranchentos e negros quando o estio chegava.

Vizinhos havia anos sem conta, os dois filhos do velho Marcelino foram sempre muito amigos de Isabel, a filha de sinhá Felipa. Órfãos de mãe, muito novos ainda, os rapazes cresceram desiguais em tudo. Justino, o mais velho, era um cabloco airoso e vivo, muito fornido de corpo, de cara bonita e franca, de uma alegria sem par. O outro, o Damião, pequenino, raquítico, o tronco abaulado, os ombros para cima, só tinha em proporção a cabeça, uma cabeçorra horrível, de olhos esbugalhados, vítreos e mansos, como olhos de peixe ou de sapo. O nariz rombudo parecia arrebetado a socos. O lábio superior, partido e arrepanhado num "sinal de chave," descobrindo-lhe os dentes e as gengivas, dava-lhe um ar feroz de cão de fila. O mento fino rompia saliente, entreabrindo-lhe a boca enorme, de forma a por constantemente à mostra um pedaço de língua entre a beiçada. E os braços longos e magros tombavam-lhe flácidos, a repousarem ao regaço, quando ele ficava em calma, sempre encruzado como um árabe, com os gravetos das pernas lamentáveis metidos para as coxas.

Enquanto não lhes chegou a adolescência, os dois irmãos, muito unidos, andavam sempre a folgar com a vizinha mimosa, a caboclinha de carne acanelada e rosto lindo, que, aos doze anos, era já uma promessa radiosa de mulher. Pequenina, gorducha, os cabelos de azeviche revoltos sobre a cara, os seios repontando no casaquinho de chita, salientes e duros como duas tangerinas verdes, muito rija de carnes, muito esbelta de linhas, dona dos olhos mais negros e fulgentes, e da boca mais fresca e polpuda que se podia imaginar. Da mesma idade do rapaz mais velho, Isabel tinha, para o outro, assomos de ternura quase maternal, atenta a miséria física do pobre. Justino, sempre jovial, ante aquelas

primícias de amor, ria muito, ajudava-a a mimar o irmão, exageradamente, chamava-a de “mãezinha,” — “mãezinha” do outro. E, nos foguedos comuns, figuravam sempre assim, como uma família amiga e feliz, contentando-se o doentinho com a sorte de inválido que lhe davam os outros.

.....

A rapariguinha recebia-o num sorriso doce, indagava de sua saúde, calava-se após, entregando-se ao trabalho em que se ocupava, ora trocando os bilros na almofada, mudando com ligeireza os espinhos de mandacaru, ora na tarefa de costurar um chapéu de palha, cuja trança a mãe preparava, a um lado.

Damião quedava, então, enlevado ante ela, minutos a fio, pobre Tântalo do amor, que por coisa alguma do mundo, nesses momentos inefáveis, se arrancaria dali, do seu êxtase de sapo ante as estrelas. E era sempre mais desolado e suspiroso que deixava, a custo, a casa da vizinha.

Para irem lá, os dois rapazes seguiam sempre por uma vereda serpeante, aberta na mata, sob o túnel de garranchos do capão.

Ora, um dia, — estando Justino fora de casa havia já uma semana, — encaminhando-se para o mato, com a espingarda de dois canos carregada, ao ombro, e o polvarinho e a cabacinha de chumbo à cintura, tomando a trilha estreita, para ganhar, além, as capoeiras, Damião encontrou, a pouca distância da cerca de paus-a-pique os restos de uma ovelha arrebatada na véspera ao chiqueiro, por uma onça destemida, que o devastava aos poucos, de certo tempo em diante. Certo de que o animal voltaria à noite, para finalizar o repasto interrompido, o rapaz resolveu preparar-lhe uma armadilha com a espingarda, quando regressasse da caça, ao fim do dia. Atirou um olhar para as bandas da palhoça vizinha, que mal se entrevia adiante, através das galhadas negras, num suspiro internou-se no mato.

Nesse dia, entretanto, Justino, que saíra do Aracati, duas horas antes, apeava-se, ao anoitecer, em casa do Fortunato Rocha, no Rancho do Povo, para um breve descanso, que aproveitou para “bater a sela,” o que, no dizer matuto, equivale a boa ração de milho para o animal. E, quando cavalgou, novamente, o pedrês esqualido, rumando à casa, o sol descambava já para o poente, sem pompas violentas de cores, amarelado e frio.

Seriam sete horas, quando o rapaz se apeou no terreiro da casa. Aí, foi só desarrear o animal, que se atirou para um lado, espojando-se na areia, a bufar, com volúpia, — entrou, para tomar bênção ao pai e precipitou-se de corrida pela vereda, para a casa da namorada.

Mal ele passara, Damião, que perdera o tempo todo vagando ao longe, sem abater uma caça, entrava pelo atalho procurando os despojos da ovelha abandonada. Diante deles, ao pé do mato fronteiro, apoiada a duas forquilhas de pau-branco, o rapaz colocou a espingarda bem firme, visando a carniça; amarrou um cordel aos gatilhos armados, passando-o por trás da arma, por um torozinho de madeira fincado no chão, a pouca distância; e levou a outra ponta ao outro lado da estrada, prendendo-a num tronco de hortênsia, junto à presa abatida. Quando a onça voltasse, topando na linha distendida, faria detonar a arma certamente.

Perigo de alguém passar por ali não havia, pois só ele e o irmão corriam aquela trilha perdida, e o Justino, àquela hora, devia estar ainda pelo Aracati. Pronta a armadilha, levantou-se, examinou tudo com vagar, endireitou para casa.

Aí, porém, aterrado, viu o cavalo do irmão, o pai lhe disse que ele chegara pouco antes correndo logo à procura da vizinha. O rapaz ficou por um momento imóvel, varado de susto. Mas, de repente, sem uma palavra, atirou-se à disparada para a vereda, a evitar que o outro, de volta, fosse de encontro à arma traiçoeira. Ao defrontá-la respirou em desafogo, por encontrá-la intacta. Parou resfolegando, morto de cansaço, as pernas bambas, o coração estrondando no peito. E, passado

um instante, abaixou-se, dispunha-se a desfazer a armadilha, quando vozes em diálogo, muito perto, o sustiveram. Erguendo-se então a meio, protegido pela sombra da mata garranchenta, correu a vista em torno, a fim de ver quem falava.

A lua, alta no céu, muito branca, muito limpa, aclarava como o dia o campo vizinho. A pouca distância, rumando à cerca de paus-a-pique, vinham dois vultos abraçados, não tardou a reconhecer o irmão e a namorada.

Damião, estarrecido, oprimido, o cavername do peito num estrupido de forja, estacou vivendo só pelos olhos, olhos de fogo, que davam calafrios, assim luzindo na penumbra. Embora soubesse, havia muito, dos amores dos dois, nunca os vira assim, sozinhos, de par, aos beijos como dois noivos venturosos. A cabeça ficara-lhe à roda, corriam-lhe manchas pela vista, sentia-se estrangular de dor. Pelas fontes batia-lhe um pampam de sangue a latejar, tombaram-lhe os braços inertes para o chão, estava de joelhos na areia; a boca escancarada, hedionda, deixava escorrer uma filetação de baba entre a beicorra. Duas grandes lágrimas doloridas ferviam-lhe nos olhos loucos. Imóvel como um tronco, abatido ao pé da armadilha, ficou assim um tempo enorme, sem sentir, sem viver.

Mas, os dois tinham parado em face da estacada, Justino despedia-se para saltar a cerca.

Então, de repente, num pulo feroz, o rapaz precipitou-se para a arma carregada, calçou com força na forquilha de trás, que a sustinha, alçou assim mais o cano, até pô-lo à altura de visar um homem. E, tudo pronto, — o cordel esticado, os gatilhos abertos, prestes a bater, — agachado ao pé do mato, cauteloso e sinistro como uma sombra maldita, Damião atirou-se a correr pela vereda em fora, como um doido, soluçando de dor e de ódio.

(Herman Lima. **Tigipió e Garimpos**. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1951, pp. 63-6.)

O conto focalizado tem como cenário a paisagem interiorana, onde mourejam agricultores à beira do riacho de Rus-

sas. O Realismo ressalta logo no início da narrativa, quando o autor nos mostra a hediondez de Damião, cuja descrição por-menorizada contrasta com a da beleza da menina Isabel, que ainda criança quase já inspira algumas leves notas de erotismo, inúmeros parágrafos do segundo trecho transcrito revelam um pouco de cor local, através do vocabulário característico: é o trabalho da almofada, com os espinhos do mandacaru, são os vestígios deixados por uma onça junto às capoeiras, é o caboclo a “bater a sela”, enfim, alusões a tudo quanto rodeia a vida dos sertanejos, sem faltar a referência topográfica: o Aracati. Em meio a tudo isso, destaca-se, dominando tudo, o drama terrível que se desenrola no íntimo do infeliz Damião: vítima de um determinismo implacável, nascera predestinado ao desprezo ou, quando muito, à piedade; arma-se assim o clássico “triângulo amoroso” que tem, no vértice, a bela Isabel e, nos outros ângulos, os dois irmãos belo e amado, um hediondo e desamado outro. Note-se que, mesmo sabendo ou desconfiando das preferências da moça, Damião não desejava mal ao irmão, tanto assim que correu a desarmar a armadilha, a fim de que não fosse Justino a vítima do tiro; a cena dos dois juntos, entretanto, despertou-lhe o ciúme, fazendo-o perceber claramente toda a extensão de sua desgraça. Trata-se, portanto, de uma página regionalista (como todas as narrativas desse livro de Herman Lima), mas com predominância do aspecto psicológico explorado com mão de mestre. É realista a linguagem do escritor, a que não faltam mesmo certos requintes que poderíamos talvez chamar de parnasianos, como a alusão ao mito de Tântalo; nem faltam, igualmente, tintas naturalistas na descrição da fealdade de Damião, notadamente no momento em que ele presencia a cena dos dois namorados, aos beijos, à luz da lua (“a boca escancarada, hedionda, deixava escorrer uma filetação de baba entre a beijorra”). Conquanto publicado na Bahia, *Tigipió*, além de enfeixar contos onde está presente a terra cearense, foi todo escrito aqui, sob o influxo das leituras de Afonso Ari-nos e Gustavo Barroso, sendo uma das mais representativas obras da ficção cearense, em todos os tempos.